

Scientific Electronic Archives

Issue ID: Sci. Elec. Arch. Vol. 17 (6)

Nov/Dec 2024

DOI: <http://dx.doi.org/10.36560/17620241991>

Article link: <https://sea.ufr.edu.br/SEA/article/view/1991>



Perfil epidemiológico da população masculina que vive com HIV/AIDS

Epidemiological profile of the male population living with HIV/AIDS

Cezar Augusto da Silva Flores

Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop.

cezar.flores@ufmt.br

Matheus Donato Nepomuceno

Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop.

Amanda Gabrielly da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop.

Andréa Kopper Sartori

Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop.

Suellen Rodrigues de Oliveira Maier

Universidade Federal de Rondonópolis

Resumo. A Aids é uma doença causada pelo HIV, que ataca o sistema imunológico. O termo "grupo de risco" foi substituído por "comportamentos de risco", como sexo desprotegido e compartilhamento de agulhas. No Brasil, a maioria dos casos de HIV ainda ocorre entre homens. **Objetivo:** analisar o perfil epidemiológico da população masculina que vive com HIV/Aids, correlacionar as variáveis raça-etnia com a escolaridade e a forma de transmissão da doença com a orientação sexual. **Metodologia:** estudo epidemiológico descritivo, transversal, retrospectivo, de abordagem quantitativa, através de análise dos prontuários. Os dados foram analisados através de método estatístico descritivo, utilizando média para as variáveis numéricas e frequência absoluta, relativa e percentual para as variáveis nominais. **Resultados:** foram analisados 270 prontuários, onde constatou-se que a população apresenta as seguintes características: idade entre 21 e 30 anos, solteiros, homossexuais, de raça/cor parda, ensino médio completo e a principal forma de transmissão do HIV por via sexual. **Conclusão:** houve um aumento no número de casos notificados no ano de 2021, período pós-pandemia, sendo que tais resultados auxiliam no delineamento do perfil epidemiológico da doença, contribuindo nas decisões e estratégias para o diagnóstico situacional da região estudada. Constatou-se também que na população masculina o HIV/Aids ainda é uma infecção que afeta majoritariamente homossexuais. **Palavras-chaves:** Soropositividade para HIV; Síndrome da Imunodeficiência Adquirida; Epidemiologia; Saúde do Homem; Minorias Sexuais e de Gênero.

Abstract. AIDS is a disease caused by HIV, which attacks the immune system. The term "risk group" has been replaced by "risk behaviors," such as unprotected sex and needle sharing. In Brazil, the majority of HIV cases still occur among men. **Objective:** To analyze the epidemiological profile of the male population living with HIV/AIDS, correlating race-ethnicity with education level and the mode of disease transmission with sexual orientation. **Methodology:** This is a descriptive, cross-sectional, retrospective epidemiological study with a quantitative approach, conducted through the analysis of medical records. The data were analyzed using descriptive statistical methods, employing means for numerical variables and absolute, relative, and percentage frequencies for nominal variables. **Results:** A total of 270 medical records were analyzed, revealing that the population has the following characteristics: ages between 21 and 30 years, single, homosexual, of mixed race/skin color, with complete high school education, and the main mode of HIV transmission being sexual. **Conclusion:** There was an increase in the number of reported cases in the year 2021, the post-pandemic period, which helps outline the epidemiological profile of the disease, contributing to decisions and strategies for the situational diagnosis of the studied region. It was also found that in the male population, HIV/AIDS still predominantly affects homosexuals.

Keywords: HIV Seropositivity; Acquired Immunodeficiency Syndrome; Epidemiology; Men's Health; Sexual and Gender Minorities.

Introdução

Os primeiros registros de casos de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Aids) surgiram nos Estados Unidos em 1981, em homens adultos que mantinham relações homossexuais. Os profissionais da saúde concluíram de que se tratava de uma nova doença, caracterizada como uma síndrome, de etiologia desconhecida, com grande potencial infeccioso e transmissível, levando em consideração a incidência de casos.

Com o maior índice de ocorrência da doença entre homossexuais, houve associação com a prática de relações sexuais entre o gênero, recebendo o nome pela comunidade médica de “*gay related immunodeficiency disease* - deficiência imune relacionada a gays” (GRID), e pela imprensa da época como “câncer gay” (CAZEIRO, LEITE e COSTA, 2023).

Pesquisadores dos Centros de Controle e Prevenção de Doenças, elencaram o contato sexual, uso de drogas injetáveis ou exposição a sangue e derivados, como as possíveis formas de transmissão do vírus. Porém, nos anos seguintes, foram relatados os primeiros casos em pacientes que não se enquadravam nas formas de transmissão, uma vez que ocorreu a primeira notificação mundial de Aids em criança. Começam também a ser relatados os primeiros casos de Aids em mulheres e homens heterossexuais e os primeiros casos em profissionais da saúde, indicando transmissão ocupacional (CAZEIRO, LEITE e COSTA, 2023).

Após muitas tentativas de distinguir o vírus, o HIV-1 foi isolado na França e nos Estados Unidos da América (EUA), onde em consenso mundial o vírus recebeu o nome de *Human Immunodeficiency Virus* (HIV), ou vírus da imunodeficiência humana (LIOI et al., 2023).

O HIV é o agente etiológico responsável por causar a Aids, sendo ela considerada um estágio avançado da infecção pelo vírus, que ataca células responsáveis pela defesa do organismo, tornando o sistema imunológico incapaz de combater infecções oportunistas, levando o indivíduo a morte. Contudo o sistema imune não é capaz de eliminar o HIV do corpo, assim até o presente momento não existe cura ou vacina efetiva para infecção pelo vírus, mas há tratamento por meio de antirretrovirais (LIOI et al., 2023).

Atualmente, o comportamento de risco para infecção pelo HIV é representado por relações sexuais (vaginal, anal ou oral) desprotegidas, compartilhamento de objetos perfuro cortantes contaminados com sangue ou fluidos, indivíduos que receberam transfusão de sangue antes de 1985, ter nascido de mãe soropositiva que não recebeu tratamento antirretroviral (OLIVEIRA et al.,

2023).

Conforme boletim epidemiológico de HIV/Aids de 2021, é possível verificar que os casos de infecção pelo HIV no período de 2007 a junho de 2021, foi de 69,8% em homens, sendo um total de 266.360 e 30,2% casos em mulheres, totalizando 115.333. No caso da Aids, de 1980 até junho de 2021, os homens representam 65,8% (688.348) de casos e as mulheres 34,2% (356.885). Considerando que a maioria dos homens não sabem do seu status sorológico e não procuram o serviço de saúde para realizar a testagem por iniciativa própria, acarretando em um diagnóstico tardio e um potencial disseminador do vírus (KNAUTH et al., 2020).

No Brasil, após 42 anos do primeiro caso confirmado, a epidemia de HIV/Aids tem demonstrado que os homens ainda representam o principal grupo atingido pela infecção, com tendência de crescimento no número de casos de Aids registrados na última década e por essa razão, o estudo se mostra necessário para interligar a saúde do homem com a prevenção e o combate ao HIV/Aids.

Levando em conta que a epidemia de HIV/Aids já se estende por várias décadas e que, inicialmente, os homossexuais eram identificados como o grupo de maior risco, propomos para esta pesquisa a hipótese de que atualmente não se verifica mais essa premissa de que os homossexuais constituem o grupo predominante na prevalência dessa doença, para isso a presente pesquisa visa investigar tanto a incidência quanto a prevalência do HIV/Aids entre os homens, com o intuito de subsidiar políticas públicas para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e diagnóstico precoce eficazes.

Com base em dados provenientes de pesquisas como de Knauth et al., (2020) e Silva et al., (2024), surge o interesse no desenvolvimento da presente pesquisa que traz como objetivo analisar o perfil epidemiológico da população masculina que vive com HIV/Aids, correlacionar as variáveis raça-etnia com a escolaridade e a forma de transmissão da doença com a orientação sexual.

Material e Método

Trata-se de um estudo epidemiológico descritivo transversal, de abordagem quantitativa, realizado através da análise de prontuários. Foi utilizado o guia de recomendações *Strengthening the Reporting of Observational Studies in Epidemiology* (STROBE) como ferramenta para subsidiar a comunicação dos resultados evidenciados.

A população de estudo foi composta pela análise de 270 prontuários, de indivíduos do sexo

masculino, com idade superior a 18 anos, que vivem com HIV/Aids, e estão em tratamento e/ou acompanhamento do Serviço de Atendimento Especializado em Infectologia (SAE) no município de Sinop, região norte do estado de Mato Grosso, no período de janeiro de 2018 a dezembro de 2021, independente da sua orientação sexual.

Os dados foram obtidos por meio de um formulário semiestruturado desenvolvido pelos pesquisadores. Esse formulário incluía questões orientadoras destinadas a coletar informações relevantes para a pesquisa, visando traçar o perfil epidemiológico dos participantes.

Contendo como variáveis numéricas: idade, ano de notificação, renda salarial, número de parceiros nos últimos 12 meses, carga viral, contagem de linfócito T-CD4+ em cel./mm³, e como variáveis nominais: ocupação, município de notificação, município de residência, raça/cor, escolaridade, estado conjugal, provável modo de transmissão e o uso de Tratamento Antirretroviral (TARV).

A análise e interpretação dos dados foram realizadas análises descritivas, sendo para as análises de variáveis numéricas foi empregado (média) e para as análises de variáveis nominais (frequência absoluta, relativa e percentual), esboçados em gráficos constituídas através do programa *Microsoft Office Excel 2021*. Os nomes dos participantes foram codificados por (paciente n°1, paciente n°2, etc.) para assegurar o anonimato dos sujeitos da pesquisa.

A pesquisa ocorreu no período de maio a junho de 2022, seguindo todos os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos, conforme Resolução 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde do Ministério de Saúde, tendo registro CAAE 56749222.9.0000.8097 e aprovada com o parecer n° 5.423.587/202

Resultados e discussões

Ao analisarmos os prontuários dos participantes desta pesquisa, constatamos que aproximadamente 60 (22%) foram diagnosticados/notificados no ano de 2018, 86 (32%) em 2019, 43 (16%) em 2020 e 81 (30%) em 2021, totalizando 270 prontuários, conforme observado na Figura 1. Portanto, constatamos um aumento de 26 casos (43%) na taxa de notificados de 2018 para 2019, já em 2020 verifica-se uma redução de 43 casos (50%), muito provavelmente decorrente da pandemia da COVID-19, sendo que no ano de 2021 o índice de diagnósticos/notificação volta a crescer com 38 casos (88%).

Ao analisar tais dados, foi possível concluir que houve uma diminuição de casos registrados no ano de 2020, mas essa redução pode estar relacionada a pandemia de COVID-19 que diminuiu a procura desse serviço de saúde. O isolamento social, em razão dos *lockdowns* e outras medidas impostas durante a pandemia para evitar o contágio

do vírus, impactaram a testagem e a continuidade do tratamento para infecção pelo HIV e em diversos países, incluindo o Brasil, contribuiu para o decréscimo marcante na prevenção, detecção, diagnóstico e encaminhamentos para o tratamento do HIV/Aids. Sendo assim, foi possível concluir que grande parte da população deixou de procurar os serviços de saúde por medo de adquirir a COVID-19. Mesmo sendo comprovado que pessoas vivendo com HIV, que apresentam seu sistema imune reconstituído, não correm maior risco para infecção por Coronavírus, porém o isolamento social é considerado como uma barreira e desafio para a continuidade do cuidado e testagem dos usuários (PARENTE et al., 2021; PINTO et al., 2024). Em 2021, à medida que os serviços de saúde reabriram e/ou retomaram as atividades regulares, observa-se o consequente aumento no número de casos notificados, o que corresponde a 88% a mais em comparação ao ano anterior, por efeito do diagnóstico tardio que é observado a médio e longo prazo. Uma vez que os casos que deveriam ter sido observados durante a pandemia de 2020, vieram a toma no ano seguinte, de forma mais grave (SCIAROTTA et al., 2021). Mesmo com os avanços proporcionados para o tratamento da doença nos últimos 30 anos colaborando com a transformação do HIV em uma condição considerada crônica, mas controlável, ao invés de ser relatada como fatal (NKENGASONG, REID e KATZ, 2023; WILLIAMS et al., 2011).

Na região norte do Estado de Mato Grosso a cidade de Sinop se destaca como um polo regional através do consorcio intermunicipal de Saúde do Vale do Teles Pires que abrange um total de 14 municípios. Quando analisamos o local de residência dos participantes do estudo, podemos evidenciar que a maioria reside no próprio município de Sinop, n=154 (57%), mas também observamos a influência do processo de interiorização da infecção pelo HIV em municípios de pequeno porte, como percebido em Lucas do Rio Verde, n=71 (26,3%), Nova Mutum, n=22 (8,1%), Feliz Natal, n=7 (2,6%), Vera, n=6 (2,2%) e Tapurah, n=6 (2,2%), como observado na Figura 1.

Entre os municípios da região norte de Mato Grosso, constatou-se que Sinop apresentou o maior índice de casos, o que era uma expectativa razoável, considerando sua densidade populacional superior em comparação com os demais municípios locais da pesquisa, além de ser o ponto de referência dos serviços de saúde, atendendo pacientes de outros municípios do polo regional.

Observou-se que 140 participantes (51,90%) se encontra na faixa de 21 a 30 anos, seguindo de 65 na faixa de 31 a 40 anos (24,10%), 23 acima de 50 anos (8,5%), 22 entre 41 a 50 anos (8,10%) e 20 na faixa de 18 a 20 anos (7,4%). Analisando todos os sujeitos da pesquisa, a idade média dos participantes é de 32,0 anos de idade, conforme a Figura 2.

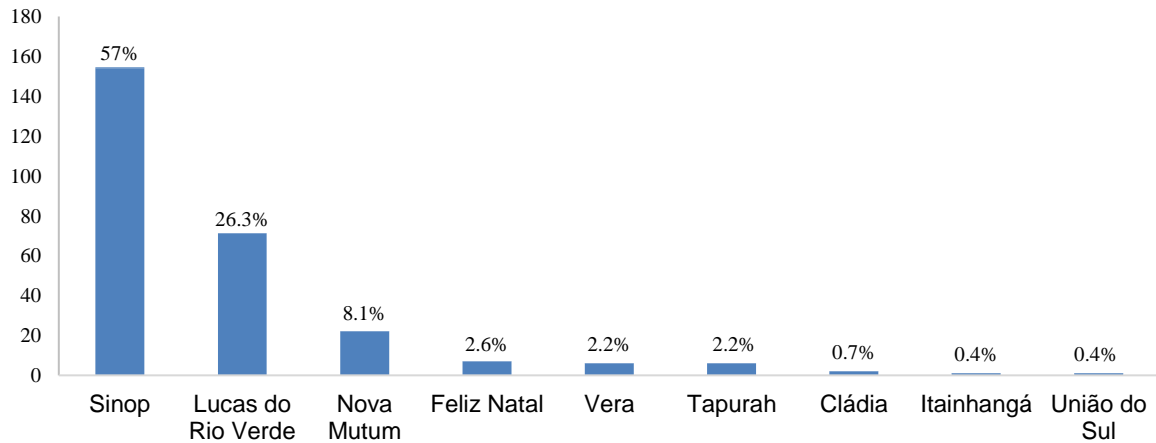


Figura 1 – Casos de HIV/Aids por município de residência. Sinop, MT, Brasil, 2022

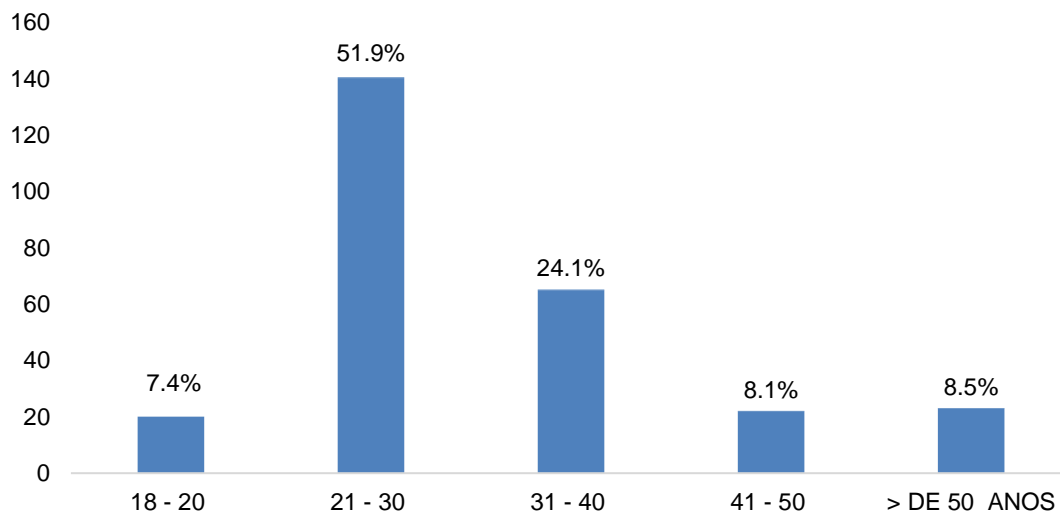


Figura 2 – Faixa etária de idade dos participantes da pesquisa. Sinop, MT, Brasil, 2022

É possível também observar a tendência à juvenilização da Aids, já que a doença acomete cada vez mais cedo jovens adultos e pode estar relacionada à iniciação sexual precoce, baixa adesão do preservativo masculino, pouca informação sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's) e o abuso de álcool e substâncias ilícitas antes das relações sexuais (MOREIRA, PAIXÃO e MELO, 2023; MONTE, RUFFINO e MADEIRO, 2024). Esses achados corroboram com o último Boletim Epidemiológico de 2021, que evidencia que no período de 2007 a 2021, a prevalência de casos de infecção pelo HIV foi na faixa etária entre os 20-34 anos (NOVAES, LOUREIRO e SILVA, 2021; SANTOS e SILVA, 2022).

O que se observa na atualidade é que tais jovens, principalmente na faixa etária de 20 a 30 anos, não testemunharam o início da epidemia do HIV/AIDS na década de 80, não vivenciando ou não se lembrando de personalidades públicas que

morreram em decorrência da AIDS, como Cazuzu e Betinho. Uma vez que ao selecionar a ingestão ou não do tratamento, aumenta a probabilidade de futuramente desenvolver certa resistência ao tratamento, limitando as possibilidades de controle futuro (BANGSBERG, 2008). Soma-se a isso, também, a aparente normalidade em ser portador do vírus e fazer uso de TARV, visto que hoje é propagada a ideia de uma vida normal e duradoura para as pessoas que vivem com o HIV, promovendo com isso uma baixa adesão no uso dos preservativos (FELISBINO-MENDES et al., 2021; LEITE, 2020).

No que tange à escolaridade informada, sete são analfabetos (3%), 39 possuem o ensino fundamental incompleto (14%), 19 concluíram o ensino fundamental (7%), 33 possuem o ensino médio incompleto (12%), 99 concluíram o ensino médio (37%), 35 possuem o ensino superior incompleto (13%) e 39 concluíram o ensino superior (14%).

Quanto à raça/cor autodeclarada, 139 se declaram pardos (51,5%), 84 são brancos (31%), 45 são pretos (16,7%), um é amarelo (0,4%) e um é indígena (0,4%).

Quando correlacionamos a autodeclaração da raça/cor com a escolaridade entre os participantes podemos observar que entre os participantes brancos sete (8,3%) concluíram o ensino fundamental, 32 (38,1%) concluíram o ensino médio e 22 (26,2%) concluíram o ensino superior. Já entre os participantes pardos, cinco (3,6%) são analfabetos, 11 (7,9%) concluíram o ensino fundamental, 50 (35,9%) concluíram o ensino médio e 13 (9,4%) finalizaram o ensino superior. Por fim, entre os participantes pretos, um se autodeclara é analfabeto (2,2%), um concluiu o ensino fundamental (2,2%), 15 concluíram o ensino médio (33,3%) e quatro terminaram o ensino superior (9%).

Contata-se também que a raça/cor branca detém o maior quantitativo de pessoas com níveis mais elevados de escolarização, tanto no nível médio quando no nível superior, além de não apresentar nenhum analfabeto. Esses dados corroboram com as informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (VIEIRA JUNIOR, ANANIAS, 2023), que relata que em 2018, a proporção de estudantes brancos na faixa etária de 18 a 24 anos, cursando ensino superior era de 78,8% e na raça/cor preta ou parda nesta faixa etária era de 55,6%. Contudo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), o Brasil tem uma epidemia concentrada de HIV/AIDS, e o Centro Oeste, onde o município de Sinop está localizado, tem maior estabilidade de casos ao ser comparado com as regiões Norte e Nordeste (VIEIRA JUNIOR; ANANIAS, 2023).

Assim, verificou-se que há um maior índice de vulnerabilidade econômica e social nas populações de raça/cor preta, parda e indígena, bem como desigualdades de acesso a educação e serviços de saúde. Podendo ser a explicação para o índice de casos serem maiores na população de raça/cor parda, mas deve-se levar em consideração que esta população demonstra a maioria populacional brasileira. (MOREIRA, PAIXÃO e MELO, 2023; MONTE, RUFINO e MADEIRO, 2024; VIEIRA JUNIOR e ANANIAS, 2023).

Ao avaliar a escolaridade, é possível utilizá-la como indicador de situação socioeconômica, podendo concluir que o aumento no número de casos de HIV/Aids registrados em indivíduos com baixa escolaridade é justificado pela tendência de pauperização da epidemia, além da desigualdade racial. Tal resultado sugere que quando os indivíduos possuem o grau de escolaridade reduzido, estão mais vulneráveis à infecção pelo HIV e outras IST's, em consequência da carência de informações sobre a doença e limitações no acesso a saúde (LUCAS, BÖSCHEMEIER e SOUZA, 2023).

Em relação à categoria de exposição, a principal via de transmissão do HIV foi a via sexual com 268 do total de casos (99%) e dois casos foram decorrentes de acidente de trabalho com material biológico (1%).

Correlacionado a forma de transmissão do HIV/Aids com a orientação sexual dos pacientes, podemos observar que 119 se contaminaram em decorrentes de exposição homossexual (44%), 103 por exposição heterossexual (39%) e 46 por exposição bissexual (17%).

Os dados da pesquisa refutaram a hipótese inicial de que os homossexuais não mais predominavam na prevalência de casos de HIV/AIDS. De fato, esse grupo ainda representa os mais afetados por essa enfermidade. No entanto, nota-se que, embora os homossexuais apresentem o maior índice desta infecção sexualmente transmissível, a diferença em relação aos heterossexuais que convivem com a doença é de apenas 6%. Mesmo assim, o HIV/AIDS ainda é percebido como algo distante da identidade sexual dos homens heterossexuais (MATHIAS et al., 2021).

Em relação ao estado civil, 157 se declararam solteiros (58,1%), 53 em união estável (19,6%), 51 são casados (18,8%), oito são divorciados (3%) e um é viúvo (0,4%).

Levando em consideração o número de parcerias sexuais nos últimos 12 meses que antecedem o diagnóstico, a maior parte dos indivíduos, 107 tiveram entre duas a cinco parcerias sexuais (39,6%), em seguida 100 tiveram apenas uma parceria (37%), 55 tiveram mais de cinco parcerias (20,4%) e oito não sabem informaram o número de parceiros(as) sexuais (3%).

Sabe-se que o número elevado de parcerias sexuais confere maior vulnerabilidade à infecção pelo HIV, ainda mais no contexto de relações sexuais desprotegidas, visto que aumenta a probabilidade de contato com um indivíduo infectado e/ou subtipos virais mais infecciosos (LUCAS, BÖSCHEMEIER e SOUZA, 2023; SPINDOLA et al., 2021).

Com o estudo, foi possível identificar que cerca de 253 participantes do estudo fazem uso regular da terapia antirretroviral (93,7%), indicando uma boa adesão ao tratamento, contra 17 pacientes (6,3%), que apresentam baixa adesão e consequentemente falha na resposta terapêutica, justificada pelos efeitos adversos, atrasos na retirada da medicação ou abandonos recorrentes.

Também foi possível verificar que 83 pacientes foram diagnosticados e iniciaram a terapia antirretroviral em estágios avançados da doença (30,74%), apresentando a contagem de linfócitos T-CD4+ abaixo de 350 células/mm³, apontando depleção linfocitária importante, com risco de hospitalização grave e morte iminente, além de continuar com a cadeia de transmissão do vírus. Destaca-se que em dez prontuários falta o

resultado do primeiro exame de carga viral (3,7%) e em 33 prontuários falta da contagem de linfócitos T-CD4+ (12,22%).

A terapia antirretroviral (TARV), utilizada para o tratamento de pacientes com HIV, tem como objetivo impedir o enfraquecimento do sistema imune e restaurá-lo, se possível, garantindo qualidade de vida das pessoas que vivem com o vírus, reduzindo o número de internações e infecções oportunistas, além de inibir, de forma sustentada, a replicação do HIV no organismo (SCIAROTTA et al., 2021; PINTO et al., 2024). O fato de grande parte dos pacientes utilizarem a TARV, diminuindo a possibilidade de transmissão por via sexual, subseqüentemente provocando a redução dos casos de HIV na região, é considerado uma conquista. Porém, mesmo com a alta taxa de adesão ao tratamento, há ainda a preocupação com os casos que não aderiram ao mesmo. Visto que,

ao utilizar formulações cuja a ação é prolonga, podendo ser dosadas semanalmente, mensalmente ou com uma menor frequência de uso, podem auxiliar a adesão do tratamento, proporcionando um melhor resultado. Com foco nos pacientes que não buscam o serviço de saúde com frequência ou que não utilizam de forma correta a medicação prescrita, nota-se a necessidade de melhorar o tratamento e a prevenção do HIV (ARASHIRO et al.; 2023).

Baseado no último exame de carga viral presente nos prontuários, observamos que 178 pacientes estão com carga viral indetectável e 40 estão com carga viral detectável. Entretanto, constatamos que 52 pacientes configuram como dado ignorado, visto que o último exame de carga viral ultrapassou o período de seis meses ou não foi realizado novamente, conforme protocolo de tratamento/acompanhamento.

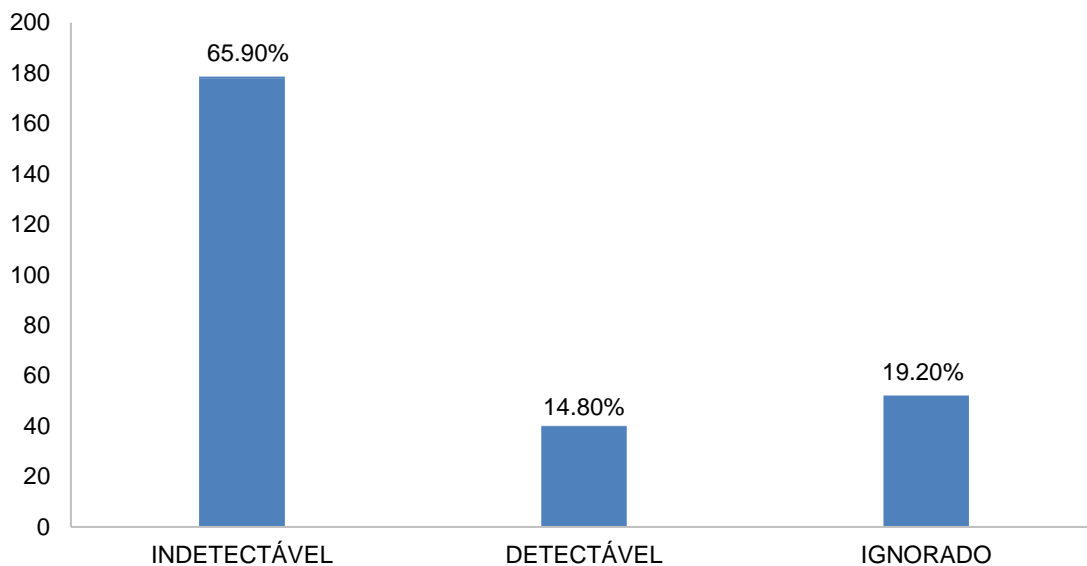


Figura 3- Carga viral dos participantes da pesquisa, Sinop, 2022.

Através dos resultados encontrados na presente pesquisa foi constatado que a população masculina que vive com HIV/Aids em tratamento e/ou acompanhamento no SAE do município de Sinop, apresenta as seguintes características: jovens adultos, na faixa etária entre 21 e 30 anos, solteiros, homossexuais, de raça/cor parda, com ensino médio completo, tendo como a principal via de transmissão a sexual. A maioria está em uso de antirretrovirais e a carga viral está indetectável, apontando boa adesão ao tratamento e resposta terapêutica esperada. Houve um aumento no número de casos notificados no ano de 2021, tendo como motivo principal a pandemia de Covid-19 que prejudicou no ano de 2020 a detecção de novos

casos (SOUZA, SILVA e CHIACHIO, 2021; ALVES DIAS, NOVAES CALDAS, AMORIM GASPARGASPAR, 2023).

Esse resultado é contrário à hipótese proposta para a realização desta pesquisa, pois acreditava-se que o maior índice na população masculina era constituído por heterossexuais, uma vez que esse grupo representa o maior quantitativo de casos registrados atualmente, se considerarmos homens e mulheres. No entanto, através dos dados obtidos na pesquisa constatou-se que a diferença de casos entre homossexuais e heterossexuais é bem sutil, evidenciando que as ações de prevenção e tratamento não devem ser centralizadas apenas nas populações-chave, mas sim na população em geral.

Limitações do estudo

Durante o desenvolvimento da pesquisa,

algumas limitações foram evidenciadas, destacando-se a falta de preenchimento de diversos campos das fichas de notificação compulsória da AIDS no SINAN e da folha de rosto dos prontuários (utilizado na unidade em questão), além da falta de uma anamnese bem detalhada e de documentos ou prontuários anteriores de pacientes que foram transferidos de outros municípios.

Verifica-se que diversos pacientes não comparecem nas consultas nos dias agendados, necessitando da realização de busca ativa e reagendamento das consultas, além do atraso na retirada dos medicamentos antirretrovirais e ausência na realização do exame de carga viral no tempo preconizado, dado importante, já que é através do exame de carga viral que é possível realizar a avaliação fidedigna da resposta terapêutica.

Registra-se também que a presente pesquisa foi desenvolvida com participantes da região norte do Estado de Mato Grosso, mas especificamente na cidade de Sinop e mais 14 municípios que pertencem ao consórcio intermunicipal de saúde do Vale do Teles Pires, portanto, considerando a heterogeneidade da amostra, os resultados não podem ser generalizados para regiões do Brasil. Portanto, é necessário realizar pesquisas nacionais com amostras mais abrangentes para validar os resultados encontrados.

Considerações finais

Através dos resultados encontrados na presente pesquisa foi constatado que a população masculina que vive com HIV/Aids, apresenta as seguintes características: jovens adultos, na faixa etária de idade entre 21 e 30 anos, solteiros, homossexuais, de raça/cor parda, com ensino médio completo, tendo como a principal via de transmissão a sexual. A maioria está em uso de antirretrovirais e a carga viral está indetectável, apontando boa adesão ao tratamento e resposta terapêutica esperada. Houve um aumento no número de casos notificados no último ano, tendo como motivo principal a pandemia de COVID-19 que prejudicou no ano de 2020 a taxa de detecção do HIV/Aids.

Nas análises de correlação, podemos constatar que, entre os homens que vivem com HIV/AIDS, aqueles que pertencem às raças/cor preta, parda e indígena apresentam um maior índice de vulnerabilidade econômica e social, devido aos menores níveis de escolaridade. Ademais, a via de contaminação sexual por meio de exposição homossexual ainda é a mais prevalente na atualidade.

Referências

ALVES DIAS, W., NOVAES CALDAS, H., AMORIM GASPARI, L. O impacto da pandemia da COVID-19 no diagnóstico e terapia do HIV/AIDS na região nordeste do Brasil. *Caderno de Graduação -*

Ciências Biológicas e da Saúde - UNIT - SERGIPE, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 48–62, 2023. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/cadernobiologicas/artic/e/view/11210>. Acesso em: 30 abr. 2024.

ARASHIRO, P., MACIEL, C.G., FREITAS, F. P. R., KOCH, G. S. R., CUNHA, J. P., STOLF, A. R., PANIAGO, A. M. M., MEDEIROS, M. J., SANTOS-PINTO, C. D. B., OLIVEIRA, E. F. Adherenceto antiretroviral therapy in people living with HIV with moderate or severe mental disorder. *Sci Rep* 13, v. 3569, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/s41598-023-30451-z>. Acesso em: 10 jan. 2024.

BANGSBERG, D. R. Preventing HIV antiretroviral resistance through better monitoring of treatment adherence. *J Infect Dis.*, v. 197 Suppl 3:S272-8, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/533415>. Acesso em: 10 fev. 2024.

CAZEIRO, F., LEITE, J. F., COSTA, A. J. Por uma decolonização do HIV e interseccionalização das respostas à AIDS. *Physis*. v. 33:e33024, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202333024>. Acesso em: 30 mar. 2024.

FELISBINO-MENDES, M. S., ARAÚJO, F. G., OLIVEIRA, L. V. A., VASCONCELOS, N. M., VIEIRA, M. L. F. P., MALTA D. C. Comportamento sexual e uso de preservativos na população brasileira: análise da Pesquisa Nacional de Saúde, 2019. *Rev Bras Epidemiol.*, v. 24 (suppl 2):e210018, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720210018.supl.2>. Acesso em: 20 dez. 2023.

KNAUTH, D. R., HENTGES, B., MACEDO, J. L., PILECCO, F. B., TEIXEIRA, L. B., LEAL, A. F. O diagnóstico do HIV/Aids em homens heterossexuais: a surpresa permanece mesmo após mais de 30 anos de epidemia. *Cad Saúde Pública.*, v. 36, n. 3, p. 1-11, 2020; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00170118>. Acesso em: 30 abr. 2024.

LEITE, D. S. A AIDS no Brasil: mudanças no perfil da epidemia e perspectivas. *Braz J of Develop.*, v. 6, n. 8, p. 57382-95, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n8-228>. Acesso em: 30 fev. 2024.

LIQI, F. M., SOUSA, L. R. M., ELIAS, H. C., GERIN, L., GIR, E., REIS, R. K. Tratamento como prevenção na perspectiva de pessoas vivendo com HIV/aids. *Acta Paul Enferm.*, v. 36:eAPE012323, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2023AO012323>. Acesso em: 12 mar. 2024.

LUCAS, M. C. V., BÖSCHEMEIER, A. G. E.,

- SOUZA, E. C. F. Sobre o presente e o futuro da epidemia HIV/Aids: a prevenção combinada em questão. *Physis*, v. 33(e33053), 2023. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-7331202333053>. Acesso em: 12 jun. 2024.
- MATHIAS, A., SANTOS, L. A., GRANGEIRO, A., COUTO, M. T. Percepções de risco e profilaxia pós-exposição ao HIV entre homens que fazem sexo com homens em cinco cidades brasileiras. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 26, n. 11, p. 5739-5749, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320212611.29042020>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- MONTE, L. L., RUFINO, A. C., MADEIRO A. Prevalence and factors associated with risky sexual behavior among Brazilian school adolescents. *Ciênc. Saúde Coletiva*. v. 29, n. 2, p. 1-12, 2024. Disponível em:<https://doi.org/10.1590/1413-81232024292.03342023>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- MOREIRA, A. S., PAIXÃO, J. T. S., MELO G. C. Universitários e o uso do preservativo como método de prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. *Rev. Psicol. Saúde*. v. 14, n. 4, p. 127-42, 2023; Disponível em:<https://doi.org/10.20435/pssa.v14i4.2108>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- NOVAES, M. R., LOUREIRO, L. H., SILVA I. C. M. Análise epidemiológica em prontuários de clientes soropositivos. *RevEnferm Atual In Derme*. v. 95, n. 33, 2021. Disponível em:<https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.33-art.694>. Acesso em: 25 jun. 2024.
- NKENGASONG, J., REID, M., KATZ, I. T. This is how the world finally ends the HIV/AIDS pandemic. *Nature*, v. 623, n. 7989, p. 907-909, 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/d41586-023-03715-x>. Acesso em: 13 abr. 2024.
- OLIVEIRA, D. C., MACHADO, Y. Y., PONTES, A. P. M., ANTUNES, R. F., SOUZA, C. L. A., SPINDOLA, T., VILELA, A. B., ABRÃO, F. M. S. O cuidado profissional no contexto do HIV/AIDS em diferentes regiões do Brasil. *Rev Saber Digital*. v. 16, n. 1, 2023. Disponível em:<https://doi.org/10.24859/SaberDigital.2023v16n1.1355>. Acesso em: 30 jun. 2024.
- PARENTE, J. S., AZEVEDO, S. L., MOREIRA, L. F. A., ABREU, L. M., SOUZA, L. V. O impacto do isolamento social na pandemia de COVID-19 no acesso ao tratamento e aos serviços de prevenção do HIV. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 1, 2021. Disponível em:<https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11692>. Acesso em: 30 maio 2024.
- PINTO, R. M., HALL, E., IM, V., LEE, C. A., PARK S. Disruptions to HIV services due to the COVID pandemic in the USA: a state-level stakeholder perspective. *BMC Health Services Research*, v. 24, n. 196, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12913-024-10609-9>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- SANTOS M. A.; SILVA R. Fatores de risco associados à juvenilização do HIV/AIDS. *RevBrasEpidemiol*. v. 25:e210017, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720220017>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- SCIAROTTA, D., MELO, E. A., DAMIÃO, J. J., FILGUEIRAS, S. L., GOUVÊA, M. V., BAPTISTA, J. G. B., AGOSTINI, R., MAKSUD I. O “segredo” sobre o diagnóstico de HIV/Aids na Atenção Primária à Saúde. *Interface (Botucatu)*. v. 25:e200878, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200878>. Acesso em: 20 jan. 2024.
- SILVA, L. T. M., DALTIO, M. M., BRAGA, P. H., LAIBER, M. F., FERMAN, I. F., COLODETTI, G. L., BASTOS, A. S., BRITO, J. M. A. SOARES, V. M., COLODETTI, B. L., SCOPEL, K. N., SARMENTO, H. R. Análise do perfil epidemiológico de internações por AIDS no Brasil entre 2019 a 2023. *Braz. J. Implentol. Health Sci.*, v. 6, n. 4, p.2420-30, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n4p2420-2430>. Acesso em: 20 jun. 2024.
- SOUZA, E. B., SILVA, R. C., CHIACHIO, N. C. F. Perfil epidemiológico das pessoas que vivem com HIV-AIDS: um desafio social. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 16, e561101624159, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i16.24159>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- SPINDOLA, T., SANTANA, R. S. C., ANTUNES, R. F., MACHADO, Y. Y., MORAES P. C. Prevention of sexually transmitted infections in the sexual scripts of young people: differences according to gender. *Ciênc Saúde Colet*. v. 26, n. 7, p. 2683-92, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021267.08282021>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- VIEIRA JUNIOR, J. C., ANANIAS, E. V. Desigualdade racial no Brasil: desafios contemporâneos para o trabalho do professor de Educação Física. *Motrivivência*. v. 35, n. 66, p. 1–23, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e89558>. Acesso em: 20 fev. 2024.
- WILLIAMS, B., WOOD, R., DUKAY, V., DELVA, W., GINSBURG, D., HARGROVE, J., STANDER, M., SHENEBERGER, R., MONTANER, J., WELTE A. Treatment as prevention: preparing the way. *J Int*

Flores et al. Perfil epidemiológico da população masculina que vive com HIV/Aids.

AIDS Soc. v. 14 Suppl 1(Suppl 1):S6, 2011. 14-S1-S6. Acesso em: 20 mar. 2024.
Disponível em: <https://doi.org/10.1186/1758-2652->